



INSTITUTO MIGUEL GALVÃO TELES

CONFERÊNCIA

21 e 22 de junho de 2018

INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL: DISRUPÇÃO E OPORTUNIDADE

EFEITOS DA ROBOTIZAÇÃO
E DA INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL
SOBRE O TRABALHO

José Luís Jacinto



M
L

EFEITOS DA ROBOTIZAÇÃO E DA INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL SOBRE O TRABALHO

JOSÉ LUÍS JACINTO

PROFESSOR ASSOCIADO DO ISCSP – ULISBOA

É com muito gosto que vou partilhar convosco algumas reflexões, aqui no Instituto Miguel Galvão Teles e na sociedade Morais Leitão, Galvão Teles, Soares da Silva & Associados.

Um dos seus fundadores, Miguel Galvão Teles, com grande sabedoria, disse em certa ocasião:

«Há causas que jamais defenderia como advogado. É preciso não vender a alma».

É preciso não vender a alma. Pois é disso precisamente que vamos falar.

O meu nome é José Luís Jacinto e sou um académico. Trabalho na fronteira das disciplinas, entre o Direito e a Ciência Política, entre a Gestão de Recursos Humanos e a Comunicação, entre as Relações Internacionais, a Sociologia e a Filosofia. Digo-o para que se entenda, porque estes são os pontos cardeais da minha intervenção.

Venho falar-vos sobre os efeitos da robotização e da inteligência artificial no trabalho, na sociedade, no ser humano. Nestes domínios, como em tantos outros, o contributo dos especialistas é importante. Mas, não podemos esquecer, o especialista é aquele que sabe quase tudo sobre quase nada. E nós temos de tentar saber o mais possível sobre quase tudo. Porque é quase tudo que está em causa.

Compreendi-o bem na semana passada. Compreendi-o quando o Bernardo, o meu filho de doze anos, a propósito da cimeira Trump/Kim Jong-un, me fez uma pergunta muito simples. A pergunta é esta: «– Papá, o que é que vem primeiro, a terceira guerra mundial, ou o Apocalipse Robô?».

Eu não sei onde é que ele foi buscar a ideia do Apocalipse Robô. Mas é genial. Obrigado, Bernardo, pela ideia. A ideia do Apocalipse.

O autor de um texto apocalíptico é um profeta que revela os segredos sobre as origens e sobre o fim do mundo. Parece assustador. No entanto, não podemos esquecer que a revelação do Apocalipse tem sempre uma outra dimensão: para além da consciência do fim, há sempre a exigência da esperança para o tempo presente. Por isso “Apocalipse Robô” é uma expressão excepcional para introduzir uma intervenção sobre este tema. Poderia até ter sido o seu título, um título mais impressionante. O que seria bom, porque uma boa intervenção, uma intervenção sobre um tema tão sensível, deve ser como um bom sermão: deve confortar os aflitos e affigir os que se sentem confortáveis. Deve dar esperança a quem tem medo, mas deve dar algum medo a quem só tem esperança.

Esperança e medo. Dois sentimentos que nós sentimos hoje de uma forma especial. Porque sentimos que tudo está a mudar. A mudar continuamente, a mudar com um determinado sentido, um sentido de rotura. Por isso temos de pensar enquanto é tempo, e temos de agir. Para poder agir devemos de ter em conta algo que é muito importante para nós, o princípio da não-inscrição do José Gil. É uma ideia que este filósofo associou ao modo de ser português.

Inscrever é afirmar, é decidir, é agir. Pois o princípio da não-inscrição determina que nada se inscreva, que nada deixe marca. E que não se aja. E isto, deixem-me dizê-lo de uma forma muito simples, tem a seguinte tradução: há o risco de que alguma coisa de mal vá acontecer. Pode-se fazer alguma coisa para o evitar, mas fazê-lo custa. Portanto não se faz nada. E não se faz nada porque se confia que nada há de acontecer. Depois, acontece mesmo. E então, o que é que nós dizemos? Que foi azar. É o que todos dizem. Que foi azar. Pois foi, foi azar. Foi o azar de não ter feito nada antes, quando se podia. Isto é tão português! Não será só português, mas é tão português.

Temos de ultrapassar esta ideia de que podemos continuar a não falar nas coisas, porque se falarmos corremos o risco de criar uma situação em que temos mesmo de tomar decisões. E agir. Por isso, louvemos esta iniciativa que nos põe todos a refletir. A refletir sobre as transformações fundamentais que estamos a viver.

É importante começar por dizer que muitos aspetos da nossa vida já mudaram. As transformações têm sido graduais, de algum modo abafadas pela superabundância de informação. Mas ocorreram. Mudaram as relações sociais, mudou a política, até mudou a guerra. Mudou a comunicação, mudou a educação, mudou a família, mudou o entretenimento. Tudo isto, tenhamos ou não consciência disso, já mudou. E também mudou a produção industrial, mudou a organização do trabalho, mudaram os negócios. E mudou a natureza do trabalho. Este é o nosso tema hoje: os efeitos das mudanças tecnológicas no trabalho.

Fala-se a propósito no fim do trabalho. Ora, a bem dizer há muito que se fala no fim do trabalho. Em 1995, Jeremy Rifkin escreveu um livro intitulado *The End of Work*. E essa ideia de “fim do trabalho”, de libertação do trabalho que se anuncia, é vista por alguns sobretudo com alguma esperança. Trata-se de deixar de necessitar de trabalhar para viver, o que permitirá uma vida de ócio e ilustração. Mas a ideia do fim do trabalho é por muitos mais sentida com medo: «[d]o que vou viver se não houver trabalho para viver?».

E uma das melhores provas da existência desse medo, deixem-me dizê-lo, é a baixa taxa de fertilidade dos países desenvolvidos. Este medo assim simultaneamente vago e assolador, um medo sem objeto, tem um nome: angústia. Será talvez, para citar o Bernardo, a angústia do “Apocalipse Robô”.

O que poderá ser então esse “Apocalipse Robô” de que falava o Bernardo? A robotização e a inteligência artificial do título desta intervenção são apenas alguns dos fenómenos que estão a mudar a nossa vida. Vejamos alguns exemplos. A Internet das coisas. O que é a Internet das coisas? É muito interessante, não é apenas uma impressora a três dimensões. Basicamente, significa que qualquer objeto pode ser traduzido digitalmente num código que é lido por um programa de computador. E que esse objeto pode ser

materialmente criado, ou recriado, na perfeição, carregando num botão. Carregando num botão em qualquer lugar do mundo, por qualquer pessoa e reproduzindo aquele objeto na quantidade que se quiser. Isto muda a natureza da produção, muda a natureza do trabalho, muda a natureza das empresas, anuncia a progressiva indistinção entre o mundo virtual e o mundo real. O que é, aliás, uma das pretensões destes tempos. Para contrariar essa ideia, eu costumo dizer, na brincadeira, que a distinção entre o mundo real e o mundo virtual só acabará quando os *smartphones* tiverem casa de banho portátil. Pois, mas os robôs não precisam de casa de banho.

Os robôs o que são? São máquinas que substituem o trabalho humano. Sobretudo o trabalho simples, do gesto depurado, repetitivo, cronometrado. Podemos até dizer que, se o sistema industrial começou por transformar os homens em máquinas, é agora fácil substituir os homens por máquinas. A densidade robótica aumenta por todo o mundo, há uma progressão, que parece não ser espetacular, mas é muito sensível se tivermos em conta de que se trata de uma progressão a nível global. Em 2015 havia globalmente sessenta e seis robôs por dez mil trabalhadores, em todo o mundo. Em 2018 calcula-se que haja setenta e quatro. Não será uma coisa extraordinária, mas a progressão parece inexorável.

À frente nesta taxa da densidade robótica encontra-se há muitos anos a Coreia do Sul, com seiscentos e trinta e um robôs por dez mil trabalhadores, mas o país onde a densidade robótica aumenta mais, curiosamente, é aquele em que nós poderíamos pensar que a generalização do trabalho robótico mais problemas vai criar. É na China, precisamente. Na Europa, o domínio industrial da Alemanha vai-se acentuando, entre outras razões, porque é neste país que existe a maior densidade robótica. E 40% dos robôs que se vendem na Europa são alemães. Esta automatização do trabalho encontra-se sobretudo nas empresas da área da eletrónica e automóvel, mas espalha-se por outros sectores, incluindo os serviços.

Onde é que agora se anuncia uma massiva perda de empregos? Todos falam neste momento, nos empregos em perigo dos milhões de motoristas ameaçados pelos veículos autónomos. Recentemente também se previu que cerca de 90% dos trabalhadores dos *call centers* – que parece ser a saída profissional para tantos licenciados – serão substituídos por programas de

computador muito em breve. E, puxando a brasa à minha sardinha, mesmo no ensino tudo está em causa. Imaginem um professor automatizado, disponível vinte e quatro sobre vinte e quatro horas, sempre presente na *web*, pronto para esclarecer todas as dúvidas dos alunos, capaz de citar todos os livros, com um manancial inesgotável de casos práticos e de exemplos. E ainda, e isto é o mais difícil, com uma paciência inesgotável para as incertezas e as inseguranças dos alunos. Isto é uma ameaça para o meu emprego. O trabalho intelectual começa, assim, a ser ameaçado.

Ora, neste caminho começámos a derivar da mera robotização – a máquina que substitui o trabalho humano - para a inteligência artificial. O que é a inteligência artificial? Nada mais do que programas de computador que aprendem por si mesmos. Computadores dotados de algoritmos inteligentes. Ou seja, são programas que à medida que recebem novos dados se vão mudando a si próprios, se vão adaptando, vão aprendendo a resolver novos problemas, e a encontrar novas soluções para problemas antigos. É só isto, mas isto é imenso. Significa que aquela qualidade que os humanos gostavam de monopolizar, a inteligência, começa a ser partilhada com as máquinas.

Máquinas que, por outro lado, têm capacidades que os seres humanos não conseguem igualar. Nomeadamente a capacidade para tratar e analisar as doses massivas de dados que a *web* proporciona. E entramos no domínio dos *big data*. Quando se alia a inteligência artificial aos *big data*, a coisa torna-se mesmo muito séria. Atinge o próprio sistema financeiro.

As grandes corretoras de *Wall Street* há muitos anos que investem em inteligência artificial. Começam agora, finalmente, a ter a capacidade computacional para tratar imensas quantidades de dados, para criar modelos de previsão em constante adaptação e para que os programas comecem a tomar decisões. Há notícia de que os primeiros fundos de investimento geridos por algoritmos inteligentes têm melhor desempenho do que os geridos pelos *brokers* humanos mais experientes.

Pois é, os computadores decidem fria e racionalmente, sem os sentimentos e as incertezas, mas também sem o génio, diria eu, próprios do Homem. Mas ficámos a saber mais. Agora, com a polémica da *Cambridge Analytica*, sabemos que as grandes empresas de dados como o Facebook e a Google

têm um poder desmesurado. Na verdade, estes dados são o novo petróleo. As empresas que gerem estes dados e que, com ou sem autorização, os comercializam, já faturam a nível global mais do que as empresas petrolíferas. Quem gere esses dados criados por centenas de milhões de utilizadores, centenas de milhões de pessoas, com as suas comunicações normais do dia-a-dia, tem o poder de prever as nossas decisões e de as condicionar. É a própria liberdade humana que está em causa. A sério.

Em março deste ano a Google anunciou a nova versão do Android, o sistema operativo de 86% dos *smarthphones* do mundo, de todo o mundo. O Android P promete novas funcionalidades. A Google proclama, com orgulho, que o Android P é dotado de inteligência artificial. O que é que isso significa? Que vai analisar os dados de cada um de nós, vai construir um perfil e, a partir daí, vai adivinhar a cada momento o que nós vamos querer no momento seguinte. E vai no-lo dar antes sequer de nós o pedirmos, se calhar antes sequer de nós termos a consciência de que o vamos querer.

É tão fácil, e tão insidioso. Poupa-se tempo. E também somos aliviados daquilo que é simultaneamente mais custoso, e mais retintamente humano: a responsabilidade de decidir. Perdê-lo, um pouco que seja, é começar a perder a alma.

Mas vai-se ainda mais longe. Com as biotecnologias, com as nanotecnologias, com os novos implantes de biossensores. Neste momento, há empresas chinesas cujos trabalhadores usam constantemente um capacete através do qual têm os sinais vitais constantemente monitorizados. Em função dos dados recebidos a todo o tempo, o superior hierárquico determina quando deve o trabalhador descansar e quando deve o trabalhador trabalhar.

E há muitas outras possibilidades que põem em causa o humano. No limite – nós sabemos lá qual é o limite – já se fala em emulações cerebrais, ou seja, robôs animados por cérebros artificiais, *scannerizados* de um cérebro humano. Alude-se mesmo à possibilidade de, antes de morrer, fazer uma cópia do nosso cérebro, implantá-la no cérebro de um robô, e garantir, entre aspas, a nossa – a nossa – vida eterna. Sobre isso não tenho nada a dizer, porque prefiro não dizer nada. Mas perturba, porque o que já estamos a

viver é a maior transformação do Homem desde o seu aparecimento na Terra. Nós estamos a viver isso neste momento, tenhamos consciência ou não. Tempos interessantes, já ouvi aqui essa expressão hoje. Tempos interessantes. O que não podemos esquecer é que dizer-se que vivemos tempos interessantes é uma antiga maldição chinesa.

Que efeitos terão estas mudanças no mundo do trabalho? Muitas, seguramente. Desde logo a base institucional muda. Aparece a empresa reticular, aquilo que eu chamo a empresa reticular. Ou seja, a empresa deixa de ser aquela entidade única, organização centralizada e colaborativa, da produção, de estrutura hierarquizada, e passa a ser uma entidade mais flexível, e infinitamente mais complexa. Porque tem uma natureza reticular, ou seja, em rede, por vezes a nível global. Articula múltiplas fórmulas sociais e laborais: filiais e sucursais, subcontratadas, franchisadas. Gere a separação física entre os espaços da conceção, os espaços da produção, da montagem, da distribuição e da comercialização. Nestas empresas coexistem o trabalho tradicional e todas as formas atípicas, teletrabalho, trabalho no domicílio, cedência ocasional, trabalho a tempo parcial, trabalho intermitente, *outsourcing*. E trabalho de robôs inteligentes.

Recordem-se da Internet das coisas: qualquer pessoa em qualquer ponto do mundo pode trabalhar para a minha empresa, sabe-se lá a que preço, mas o que importa é que a qualidade é garantida porque o código digital foi respeitado. Por vezes estas empresas são meras plataformas digitais globais. Interfaces entre o trabalhador e o beneficiário do trabalho.

Sabem qual é a maior empresa do mundo? Ou melhor, aquela que nestas plataformas digitais gere o trabalho de mais trabalhadores no mundo. Não é nem de perto nem de longe a Uber. A maior pode ser a empresa Care.com, que gere, em vinte países, prestadores de serviços de cuidados ao domicílio. Na sua página da internet anuncia os seus serviços: *child care*, *senior care*, *pet care* e *housekeeping*. Seis milhões de trabalhadores em todo o mundo são geridos por esta empresa.

Vendo todo este quadro, à distância, tudo isto parece que tem um lado esperançoso, como já disse. Quando se associa a robotização e a globalização com o mundo digital e a inteligência artificial, o efeito, no fundo, é produzir mais. Na verdade, nunca produzimos tanto. E vamos

continuar a produzir ainda mais. Mais barato. Com uma precisão que nenhum humano poderá igualar quando houver intervenção de máquinas inteligentes. Em muito menos tempo, com muito menor dispêndio de recursos, minimizando o desperdício.

Mas tem o outro efeito: pode tornar dispensável o ser humano – eis o “Apocalipse robô”. Seria a maior das ironias: a única espécie inteligente que nós conhecemos poria voluntariamente fim à sua situação monopolista, criando ela própria a espécie que a vai substituir. E isto não é uma brincadeira. Há astrofísicos, cientistas muito sérios, que dizem que a única explicação para que num universo em expansão, com milhões de galáxias, não haja notícia de nenhuma outra espécies inteligentes é que elas existem. Sim, existem, ou, pelo menos, existiram. Mas que chegam inevitavelmente a um determinado grau de evolução no qual criam as condições para o seu próprio fim. Antes de nos poderem dar notícias.

Será assim? O ser humano será descartável? Alguns apontam o argumento histórico: de todas as vezes que a máquina ameaçou substituir o ser humano, o trabalho mudou, mas os empregos aumentaram. É certo que surgem estudos ameaçadores, os mais variados, a prever grande perda de emprego devido à automação. Em 2013 a Universidade de Oxford previa uma perda de 43% dos postos de trabalho americanos. Em 2018 a perspectiva melhorou, e um estudo da OCDE já só prevê a perda de apenas – apenas entre aspas – 14% dos postos de trabalho. Mas continuam a ser previsões.

Bem, na verdade não são previsões. Estes estudos não pretendem dizer-nos o que é que vai acontecer, e quando vai acontecer. O que estes estudos nos dizem, muito simplesmente, é: quais são os atuais empregos que agora poderiam ser substituídos por robôs, ou programas de computador. Mas ainda não aconteceu. Por isso, ainda há quem duvide. Porque razão há de agora ser diferente, se antes houve inovações, mas sempre houve mais emprego?

Pois é, mas vai ser diferente. Vai ser diferente pela simples razão de que agora é muito diferente. Agora temos máquinas inteligentes, que começam a dispensar trabalhadores altamente qualificados. Até os *brokers* de *Wall Street*. Há *brokers* a ganhar centenas de milhões de euros por ano. Chegou

a haver notícia, eu chego a duvidar mas a fonte parece fidedigna, de que em 2017 houve dois *brokers* a ganhar, cada um, mais de mil milhões de dólares. Ora, vejam bem, se o dono de uma transportadora tem um grande incentivo para substituir um motorista por um veículo autónomo, imaginem a vontade de uma corretora de substituir um *broker*, que às vezes até adocece, por programas inteligentes.

Entretanto na indústria, os operários especializados já se transformaram apenas em supervisores de máquinas. Poderão em breve transformar-se em supervisores de máquinas que supervisionam máquinas. E depois o que lhes restará? Neste momento, afinal, podemos dizer que a pergunta certa é a seguinte: por que razão é que ainda há tantos empregos?

Estamos aqui com este quadro que acabámos de descrever e já andamos a falar nisto há mais de 20 anos. E, no entanto, porque é que ainda há tantos empregos? Penso que por uma razão simples: fundamentalmente porque o processo é gradual. Não é mais rápido porque ainda não surgiu uma coisa que vai ser o ponto de viragem. Vou usar uma imagem muito simples: ainda não surgiu o Modelo T dos robôs inteligentes.

O modelo T foi criado no início do século XX por Henry Ford. Ford organizou o trabalho, massificou a produção, reduziu os custos, minimizou o preço e criou assim um carro muito barato e muito fácil de utilizar, para que todos os americanos pudessem comprar o seu primeiro carro. Ora, o que sucede é que ainda não se criou esse robô barato, multifunções, amigo do utilizador e que não o atemorize. Que possamos pô-lo em nossa casa e não tenhamos medo dele quando faz as coisas por nós. E também sucede que as inovações tecnológicas que podem mudar a nossa vida enfrentam aquilo a que se chama o *cultural gap*, ou seja, a tecnologia muda, mas os seres humanos demoram mais algum tempo a adaptar-se. De qualquer modo, o processo está em curso.

Ora bem, Henry Ford não foi apenas o construtor que democratizou o acesso ao automóvel, Henry Ford tinha um sonho: conseguir eliminar da produção o trabalho humano. Criar uma fábrica onde pudesse produzir um número sempre crescente de objetos que não custassem nada. Estava muito à frente do seu tempo. Conta-se a propósito – não sei se é uma história apócrifa, mas já tantas vezes foi contada –, que Henry Ford

perguntou certo dia a um dirigente sindical: «[q]uando eu substituir os homens por máquinas, quem é que vai pagar as quotas do seu sindicato?», ao que o sindicalista retorquiu: «E quando você substituir os homens por máquinas, quem é que vai comprar os seus automóveis?».

Eis a questão do fim do trabalho, mas que também é o fim da sociedade, da nossa sociedade, tal como a conhecemos. Porque isto vai impor uma reformulação da vida social tal como a conhecemos.

Não me vou alongar - seria motivo para um grande debate, e para uma grande reflexão -, mas limito-me a dizer isto só ser um pouco provocador: o problema da redistribuição de rendimentos é crucial. O rendimento mínimo é inevitável. É inevitável porque as pessoas continuam a existir, e a ter de dispor de meios para viver. Inevitável também porque os produtores e os prestadores de serviços continuarão a precisar de consumidores e utilizadores. É inevitável. Mas também será tremendamente difícil de implementar. É a coisa mais parecida com esta definição de tragédia de Vladimir Jankélévitch: «[h]á uma tragédia sempre que ao impossível se junta o necessário».

É indispensável, mas não se consegue alcançar. Isto é uma definição de tragédia, uma boa definição. Concluo esta referência com mais uma provocação: é provável que, com um sistema de rendimento mínimo, os únicos que estarão disponíveis para trabalhar pelo salário mínimo serão aqueles que não serão abrangidos pelo sistema de rendimento mínimo. Ou seja, provavelmente os imigrantes. Imaginem lá os problemas políticos que daí nascerão.

O que podemos fazer perante tudo isto? A chave de tudo está na natureza humana. É muito interessante, quando falamos disto, começamos a falar de máquinas, de robôs, de programas. Mas depois temos de ir ao cerne das coisas, ao núcleo de tudo, à essência do ser humano. A chave de tudo está na natureza humana. Cada um de vós pode estar agora a pensar: «[q]uer dizer, venho eu aqui ouvir falar de trabalho, ouvir falar de computadores, de programas, de inteligência artificial, e este teórico quer-me falar da essência do Homem?!».

Pois bem, a essência do Homem, do que é ser humano, refere-se a “ser” como verbo, o que é ser-se humano. Essa é a grande questão prática para nós, a grande questão decisiva para o nosso futuro. Porque é o que nos pode distinguir como seres únicos e insubstituíveis. Não é uma questão teórica, é uma questão muito prática. Aliás, deixem-me dizer-vos que, na vossa vida, no vosso percurso profissional, devem estar certos de uma coisa: não há nada mais prático do que uma boa teoria.

Ora bem, todos começamos a ter a noção de que, pela primeira vez na História da humanidade, não é possível prever que conhecimentos técnicos é que vão ser necessários, que conhecimentos é que vai ser necessário dominar daqui a vinte ou trinta anos. É impossível ter uma noção. Por isso quando pensamos na formação prática dos jovens e dos trabalhadores não há respostas. Para daqui a vinte ou trinta anos. O que implica todos aqueles que hoje estão a entrar no mercado de trabalho.

Só que há coisas que nunca vão mudar. E o que não vai mudar, no prazo que nós podemos antecipar, pelo menos, é a essência do ser humano. E um conterrâneo meu, o Padre Manuel Antunes, teve uma síntese feliz:

«O Homem é o único animal que não se limita a repetir. O único animal que cria, inova e verdadeiramente projeta».

O ser humano é um ser moral, faz julgamentos e escolhas, pelas quais se responsabiliza. O ser humano sente compaixão, ou seja, partilha sentimentos, tem empatia, ou seja, consegue colocar-se na posição dos outros. Preocupa-se com os outros, cuida deles. O ser humano tem golpes de génio, arrisca, tem uma visão, entusiasma-se, identifica-se com ideias, tem dúvidas, mas tem convicções.

O ser humano consegue desenvolver uma coisa que nenhuma máquina tem: o sentido de humor. Quem tem sentido de humor sabe rir e há um poder purificador no riso. Quem sabe rir possui a chave do bom senso, do génio pacífico e de uma visão inteligente do mundo. O robô não se cansa, o robô não se irrita com os colegas, o robô não se zanga com o chefe, mas não se ri. Conseguirá alguma vez, por mais inteligente que seja, ter verdadeira sensibilidade para com os outros? Conseguirá alguma vez trabalhar com entusiasmo?

O que sucede é que o problema do ser humano também se coloca a este nível. Como é que se ensina isto tudo? Como se ensina a empatia? É pela escola que vamos lá? Outra vez a escola? Não, não pode ser só através da escola. Porque há valores que não se ensinam. Os valores não se absorvem só racionalmente, é pelo exemplo que eles se transmitem. É pela convivência que eles se firmam. Mas esse também é um problema dos nossos tempos.

Vou-vos dar um exemplo, apenas um exemplo, podia falar de outro muito importante, da crise das instituições. Aliás, esta também é uma instituição, deixem-me falar dela, deixem-me falar da família. A angústia que sentimos gera dois tipos de reação. Em primeiro lugar, o isolamento em relação aos outros, o encerramento numa “sala de pânico”, a construção de muros que deixem “os maus” do lado de lá. Esta é a atitude própria de quem tem medo do medo. Ou então a abertura, a partilha, a construção de redes, a criação de comunidade. Esta é a atitude própria de quem supera o medo através da esperança. Mas quem é que está mais disponível para esta esperança partilhada? Quem está disponível para a abertura, para a partilha, para superar o medo em conjunto?

O comediante, o célebre comediante americano Bob Hope, dizia: «[c]resci com seis irmãos, foi assim que aprendi a dançar, à espera para entrar na casa de banho».

Pois é. Nós começamos a viver numa sociedade de filhos únicos. Hoje os miúdos não aprendem a dançar à espera para entrar na casa de banho. Não a esperar e a partilhar, a trocar e a negociar, a cooperar e a competir. Devo, aliás, dizer-vos que se eu estivesse a recrutar um novo colaborador para um cargo estratégico na minha organização, faria sempre aos candidatos uma pergunta, esta: «[q]uantos irmãos tem?».

Ora bem, o mais importante de tudo, perante este quadro, é conseguir dar um sentido a tudo isto. Porque dar sentido ao que estamos a sentir é reduzir o medo e aumentar a esperança. E esse é o papel das lideranças. Dou-vos o exemplo das empresas reticulares. Como é possível que essas empresas ofereçam aos seus trabalhadores uma identidade que lhes permita vestir a camisola? Que lhes dê confiança para assumir um compromisso e acreditar num projeto? Só o poderão fazer se dispuserem de

líderes que saibam contar uma história sobre o trabalho de cada um e sobre o seu projeto comum.

Eu admiro muito um homem extraordinário, um grande psiquiatra, chamado Viktor Frankl, que aprendeu no sítio mais improvável, no campo de concentração de Theresienstadt, a verdade essencial que marcou a sua vida e que sintetizou nas seguintes palavras: «[o] Homem pode suportar tudo menos a falta de sentido». Tudo menos a falta de sentido.

É preciso dar um sentido às nossas organizações, dar um sentido ao trabalho. Conto-vos, a propósito, uma história muito bela. A história de um carteiro. Aquele carteiro que todos os dias entregava a correspondência com um sorriso nos lábios. Fizesse sol ou chuva, tivesse a alma leve ou assolada por algum problema pessoal, tinha sempre uma palavra amável para todos. Até que alguém, intrigado, lhe perguntou: «[c]omo é possível ter uma atitude tão positiva, apenas a entregar cartas todos os dias?». A resposta do carteiro foi extraordinária: «[p]ara mim, a minha função não é entregar cartas. Eu vejo-me como alguém que liga pessoas com pessoas. Alguém que dá um contributo fundamental para criar comunidade. Além do mais, as pessoas dependem de mim, e eu não as posso deixar ficar mal».

Isto é dar um sentido profundo ao que se faz. É por isso que a coisa de que mais precisamos é de pessoas que consigam dar sentido. Consigam dar sentido à vida na família, na empresa, na comunidade.

Devo dizer-vos que há algo muito preocupante. As pessoas vão continuar a existir, as sociedades vão continuar a existir, mas vão ter de se organizar de outra forma. E isto está já a provocar uma exigência terrível sobre os sistemas políticos. E ainda nem sequer se começaram a sentir as grandes transformações, as transformações que levarão ao limite, que levarão a ultrapassar o limite do problema da igualdade e da solução da redistribuição.

Os sinais, para já, não são nada animadores. Estamos a assistir a um número crescente de países com escolhas aparentemente absurdas. Escolhas, afinal, ditadas simplesmente pelo medo. Fala-se muito no populismo, mas o que é isso do populismo? O discurso populista não é mais do que a promessa de soluções simples para problemas complexos. Soluções simples, soluções

imediatas: constrói-se um muro e os problemas ficam do lado de lá. Por que razão acreditam os eleitores na palavra de quem faz estas promessas? Porque aqueles que tinham a obrigação de dizer a verdade, não a quiseram dizer. Porque aqueles que tinham a obrigação de contar uma história que desse sentido ao futuro, não o souberam fazer. E perante isto quem tem medo escolhe em função do medo. Precisamos de voltar a escolher em função da esperança.

Neste quadro não creio que consigamos mudar o curso geral dos acontecimentos, mas podemos ao menos ter a atitude certa. Ter a atitude certa como pessoas, como trabalhadores, como empresários, como cidadãos. O que importa é não perder a alma. Não perder a alma como indivíduos, não perder a alma da nossa família, não perder a alma da nossa empresa, não perder a alma como povo e como membros da humanidade. Pode ser tudo o que nos resta, mas é o que mais importa: não perder a alma.

Estou agora em condições de responder à pergunta do Bernardo: se nós não perdermos a alma, não teremos razões para temer o “Apocalipse Robô”. Mas apenas enquanto não perdermos a alma.

Falta-me, para terminar, dizer-vos qual é a mais importante de todas as qualidades humanas, a qualidade humana que mais contribui para a felicidade e também para o sucesso de cada um de nós. A qualidade humana que sempre fez a diferença. A qualidade que continuará a fazer diferença por todos os tempos. Essa qualidade tão simples, tão humana, é a capacidade para, em cada momento, dizer a palavra certa.

E a palavra certa agora é “Fim”.



INSTITUTO
MIGUEL GALVÃO TELES

